

CARACTERIZAÇÃO DO SISTEMA DE PRODUÇÃO DE OVINOS SANTA INÊS NO ESTADO DE SERGIPE

PRODUÇÃO E SAÚDE ANIMAL

D'ALENCAR, C. E.^{1*}; BARROS, S. L. B.²; D'ALENCAR-MENDONÇA, M. A.³; GUIMARAES, V. A. A.⁴; PINHEIRO, R. R.⁵

¹ Mestrando em Ciência Animal, Universidade Estadual de Santa Cruz/BA.

² Mestre em Medicina Veterinária Tropical, UFBA. Professora Auxiliar da Faculdade Pio Décimo/SE.

³ Mestrando em Zoologia Aplicada, Universidade Estadual de Santa Cruz/BA.

⁴ Graduando em Medicina Veterinária, Faculdade Pio Décimo/SE.

⁵ Doutor em Sanidade Animal. Pesquisador da EMBRAPA Caprinos e Ovinos/CE.

Resumo

Com o presente trabalho objetivou-se caracterizar a produção ovina da raça Santa Inês no Estado de Sergipe, referência nacional pela qualidade genética. Através de 54 entrevistas semi-estruturadas e visitas às propriedades, obteve-se o perfil dos criadouros com relação ao manejo sanitário, nutricional e reprodutivo, bem como, finalidade e destino da criação. No geral, as propriedades apresentaram rebanhos de tamanho bastante variável, sendo o sistema semi-intensivo o mais utilizado. Em sua maioria, as criações tinham acompanhamento técnico regular e destinavam-se ao abate ou exploração genética. Criações com assistência veterinária associada a práticas adequadas de manejo mostraram maior produtividade. A carne ovina apresenta crescente demanda de mercado, porém a reduzida quantidade de abatedouros e frigoríficos no Estado parece contribuir como fator determinante para a escoação da produção para feiras livres sem fiscalização sanitária.

Palavras-chave: ovinocultura; aptidão; pecuária.

Introdução

Sergipe é um consagrado pólo de excelência na ovinocultura, principalmente no que se refere à superioridade genética dos animais da raça Santa Inês para criadores de todo o país, tendo conquistado tal espaço no cenário brasileiro pelo intenso trabalho de aperfeiçoamento genético (ASCCO, 2006).

A raça surgiu no nordeste brasileiro, resultante do cruzamento intercorrente das raças Bergamácia, Morada Nova, Somalis e outros ovinos sem raça definida (SRD). Sendo as características atuais um produto da seleção natural e dos trabalhos de técnicos e criadores fixando-as através de seleção dos reprodutores. A tese de sua origem é confirmada pelas suas características (CICO, 2009).

A raça é caracterizada por apresentar animais deslanados, com pêlos curtos e sedosos, de grande porte, com média de peso para macho adulto de 80 a 120 Kg e para as fêmeas adultas de 60 a 90 Kg. Possuem excelente qualidade de carne e baixo teor de gordura, pele de altíssima qualidade, são rústicos e precoces, adaptáveis aos sistemas de criação, pastagem e as mais diversas condições climáticas nas diferentes regiões do Brasil. As fêmeas são prolíferas e com boa habilidade materna (Santos, 2003).

Além das vantagens advindas da qualidade dos produtos dos ovinos, a ovinocultura ainda se apresenta como uma alternativa viável para o homem do campo, principalmente para o pequeno produtor, uma vez que os animais, devido a sua docilidade, porte pequeno e excelente conversão alimentar, não demandam muita mão-de-obra para sua manutenção (CICO, 2009).

Metodologia

Para possibilitar a determinação do perfil dos criadores e sistemas de criação de ovinos do Estado de Sergipe foi efetuado contato com os proprietários que constavam no cadastro da Associação Sergipana de Criadores de Caprinos e Ovinos (ASCCO) e com alguns outros através de indicações de terceiros (Sergipe, 2007).

Agendou-se uma visita à propriedade dos criadores que concordaram em participar do estudo para aplicação do questionário *in loco*, o que também possibilitou constatar a validade das informações obtidas. Na impossibilidade das entrevistas serem realizadas com os proprietários, funcionários foram os informantes.

Os questionários foram aplicados entre março e maio de 2008. Através de entrevistas semi-estruturadas coletaram-se dados relativos ao criador e à propriedade, manejo sanitário, alimentar e reprodutivo dos animais, além da finalidade da produção e forma de comercialização.

* Autor que fará a apresentação.

As entrevistas restringiram-se a criadores de animais da raça Santa Inês, já que Sergipe é nacionalmente conhecido pela superioridade genética destes, sendo seguramente a raça ovina mais disseminada do Estado.

Foram aplicados 54 questionários, um por propriedade, nas três mesorregiões de Sergipe, levando-se em consideração a representatividade do efetivo ovino em relação ao total de animais do Estado (247.703). Sendo assim, foram aplicados 24 questionários no Agreste (44,12% do rebanho), 22 no Sertão (41,19%) e oito no Leste (14,69%).

Dentro de cada mesorregião elegeram-se os municípios com maior rebanho ovino, perfazendo um total de 19 municípios (Sergipe, 2007), sendo as entrevistas distribuídas da seguinte forma: uma nas cidades de Arauá, Campo do Brito, Itabaianinha, Tomar do Geru, Itaporanga D'Ajuda, Salgado e São Cristóvão; duas nos municípios de Simão Dias, Estância, Gararu, Itabaiana e Monte Alegre de Sergipe; três em Canindé do São Francisco, Porto da Folha e Poço Redondo; quatro em Poço Verde; seis em Tobias Barreto e nove em Nossa Senhora da Glória e Lagarto.

Resultados e Discussão

Caracterização de criadores e propriedades

A idade dos proprietários variou entre 22 e 83 anos, sendo que destes sete tinham entre 20 e 30 anos, oito entre 31 e 40, 11 possuíam entre 41 e 50 anos, 19 tinham entre 51 e 60 anos e nove tinham mais de 61 anos.

Dos proprietários, somente 21 residiam nas fazendas, 25 eram filiados a associação de criadores e 35 já participaram de exposições agropecuárias. Apesar da dedicação à atividade, apenas sete tinham a ovinocultura como principal fonte de renda, nove apresentavam outra atividade agropecuária como a principal fonte de renda e 38 tinham atividades de outros setores.

Quatorze dos criadouros não tinham funcionários, caracterizando-se por usar mão-de-obra familiar. Trinta e quatro propriedades não possuíam mão-de-obra dedicada exclusivamente à criação de ovinos, 13 delas tinham uma pessoa, em cinco havia duas, uma apresentava três e outra, quatro. A média de animais por propriedade foi 112,3 tendo o menor rebanho 12 animais e o maior cerca de 500.

Tabela 1 – Distribuição da variação de tamanho da propriedade, sistema de criação e frequência do acompanhamento técnico em propriedades de diversos municípios do Estado de Sergipe, em 2008.

Variável	Estrato	Nº de propriedades
Tamanho da propriedade (ha)	Menor que 10	10
	De 10 a 50	13
	De 50 a 250	19
	Acima de 250	11
	Não soube informar	01
Sistema de criação	Intensivo	02
	Semi-intensivo	33
	Extensivo	19
Acompanhamento técnico	Semanal/quinzenal	14
	Mensal	04
	Bimestral	06
	Trimestral	08
	Semestral	03
	Não possuem	19

Manejo sanitário, alimentar e reprodutivo

Foi verificado que 13 propriedades apresentavam criação exclusiva de ovinos e quando existia cultura de outros animais, os que se mostraram mais freqüentes foram bovinos, caprinos, aves, eqüinos e suínos, respectivamente.

Quanto à vermifugação, os químicos mais utilizados foram ivermectina, febendazole e albendazole, respectivamente, sendo que oito não sabiam informar o princípio ativo utilizado e três não realizavam vermifugação. A frequência de vermifugação se mostrou muito variável, pois cada produtor a adaptava à realidade da propriedade, sendo que nas 51 propriedades em que esta era realizada o intervalo entre as aplicações variou de um a oito meses.

Dos pecuaristas entrevistados apenas seis não utilizavam suplementação alimentar, 39 davam sal mineral, e em seis propriedades este era o único suplemento alimentar. Ainda foi observada oferta de silo em dez propriedades, e de feno em nove. Em algumas fazendas observou-se o cultivo de

palma, utilizada como fonte de energia, de leucena ou gliricídia, que serviam como banco de proteínas para os ovinos. Ainda foi observado que 37 destes faziam divisão de pastagem.

Grande parte dos produtores (36) utilizava a monta controlada como ferramenta de auxílio ao manejo reprodutivo, três faziam uso da inseminação artificial, um de transferência de embriões e 14 não utilizavam métodos de auxílio, sendo assim realizada a monta natural. Os machos passavam a ser utilizados reprodutivamente na maioria das criações (21) aos 12 meses, enquanto as fêmeas entre 12 e 18 meses, em 28 das propriedades.

Finalidade da produção

Apesar da exploração da mesma raça, as propriedades apresentavam finalidades diferentes, pois 40 se destinavam ao abate, 10 a venda de animais de genética especializada e quatro não vendiam seus animais por ainda estarem formando seu plantel ou se tratar de uma criação de subsistência.

Os animais eram abatidos principalmente quando jovens (até um ano), provavelmente por sua maior aceitação por parte dos consumidores, sendo que 23 criadouros destinados ao abate os vendiam nesta faixa etária enquanto 14 vendiam animais adultos, e três não souberam definir qual o perfil dos animais vendidos. Os animais vendidos até os seis meses de idade apresentavam peso médio de $30,0 \pm 9,4$ kg, os animais entre seis e 12 meses $31,0 \pm 4,4$ kg e os animais adultos $38,6 \pm 5,7$ kg. Os animais destinados ao consumo familiar apresentavam peso médio de $30,3 \pm 5,4$ kg.

Dos entrevistados, 48 alegaram não ter dificuldade para venda da carne ovina, sendo as feiras livres do próprio município o principal destino dos animais abatidos. Apenas dois criadores destinavam sua produção a frigoríficos, que eram de outro Estado. O quilograma da carne era vendido a um preço médio de R\$ $5,90 \pm 0,50$.

Mesmo com a excelente qualidade da pele da raça, 37 produtores não a beneficiavam, dois criadores destinavam o couro diretamente para curtumes e 15 o vendia a intermediários. O esterco mostrou-se um subproduto pouco explorado apesar de sua procura no mercado e bom valor comercial. Indicando que o potencial produtivo das criações não é explorado em sua totalidade.

Vinte e dois criadores alegaram ter o rebanho já estabelecido, 27 pretendiam ampliar sua criação e cinco não souberam informar.

Quando se trabalha com animais destinados à produção de carne, faz-se necessária a determinação do peso ideal para abate. Essa determinação deve se basear em exigências do mercado consumidor, já que, de modo geral, o consumidor deseja uma carcaça com alta proporção de carne, adequada proporção de gordura e reduzida proporção de osso (Santos, 1999).

Segundo Figueiró e Benavides (1990), a eficiência da produção é reflexo do potencial de crescimento dos cordeiros, do perfil do rebanho, do sistema de produção, da eficiência reprodutiva e do rendimento de carne. Corroborando essa informação, observou-se que propriedades com bom manejo sanitário, nutricional e reprodutivo (cura do umbigo, suplementação alimentar, monta controlada, acompanhamento por veterinário) produziram animais mais jovens ao abate e com boa qualidade de carcaça, com peso similar aos ovinos sub-adultos de propriedades sem esses cuidados.

Outro fator relevante foi a constatação de que o abate é, na quase totalidade, realizado em desacordo com os Procedimentos Padrões de Higiene Operacional (ANVISA, 2002), sendo a carne destinada a feiras livres locais que não possuem condições sanitárias de manipulação e armazenamento acarretando risco à saúde pública.

Referências

- ASCCO (Associação Sergipana de Criadores de Caprinos e Ovinos). *A criação do Santa Inês em Sergipe*, 2006. Disponível em: <<http://www.ascco.com.br>>. Acesso em: 04 mar. 2009.
- CICO (Centro Internacional de Caprinos e Ovinos). Disponível em: <<http://cico.org.br>>. Acesso em: 10 abr. 2009.
- Figueiró, P.R.P.; Benavides, M.V. Produção de carne ovina. In: _____. *Caprinocultura e ovinocultura*. Campinas: SBZ, 1990. p. 15-31.
- Santos, C.L. dos. *Estudo do desempenho, das características da carcaça e do crescimento alométrico de cordeiros das raças Santa Inês e Bergamácia*. 1999. 143 p. Dissertação (Mestrado em Zootecnia) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 1999.
- Santos, R. *A Cabra & a Ovelha no Brasil*. Edição especial da revista O Berro. Uberaba: Agropecuária Tropical, 2003.
- Brasil. ANVISA. Resolução RDC nº 275, de 06 de novembro de 2002. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF.
- Sergipe (Estado). Secretaria Estadual de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe. Empresa de Desenvolvimento Agropecuário do Estado de Sergipe – EMDAGRO/SE, 2007.